SciELO Preprints

Estado da publicação: O preprint foi publicado em outro meio.
DOI do preprint publicado: https://doi.org/10.1590/2316-82422026v4701gpd

Nietzsche no Brasil: Transcriações do Übermensch

Geraldo Dias

https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

Submetido em: 2026-05-18
Postado em: 2026-05-18 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

Nietzsche no Brasil: Transcriações do *Übermensch*

Geraldo Pereira Dias*

Resumo: A recepção de Nietzsche no Brasil caracterizou-se pela criação de um léxico próprio, que não apenas traduziu, mas reinventou seus conceitos, marcando singularmente a incorporação de sua filosofia no contexto latino-americano. Neste artigo, investigo a formação desse léxico, com foco nas traduções do *Übermensch*: "sobrehomem", "pró-homem", "super-homem", "Além-Homem", "além-do-homem". Analiso como essas palavras foram criadas a partir de processos de composição vernácula e calcos linguísticos, constituindo-se como uma criação conceitual, à maneira de Deleuze e Guattari, contextualizada na realidade brasileira. Concluo que a criação deste léxico não foi um mero exercício de tradução, mas um ato filosófico de criação conceitual, uma forma de fazer filosofia por meio do diálogo entre Nietzsche e o contexto intelectual brasileiro.

Palavras-chave: Nietzsche, Léxico, Brasil, *Übermensch*.

Introdução

Desde o final do século XIX, a recepção da filosofia de Nietzsche no Brasil ultrapassou a simples tradução textual para constituir-se como criação conceitual, quando intelectuais forjaram um léxico que reinventou suas ideias em diálogo com dilemas nacionais. Caso exemplar são as palavras criadas para traduzir *Übermensch*: "sobrehomem", "pró-homem", "super-homem", "Além-Homem" e "além-do-homem". Esse processo de criação de palavras levanta questões linguísticas e filosóficas. Afinal, como se deu a criação desse léxico? São vernáculos, isto é, formados por elementos do português integrados à língua? Como alcançaram os seus significados? Teria sido por meio da transposição recíproca de um significado primário, presente no texto do filósofo, para a língua portuguesa? Ou os significados dessas palavras decorrem dos usos que se faziam delas no contexto brasileiro? Ao criar palavras em português para assinalar conceitos de Nietzsche, os brasileiros estavam fazendo filosofia?

* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, IFPB, Brasil. Correio eletrônico: ge.pdias@hotmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6846-036X

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

Esses neologismos se apoiam nos sistemas tradicionais de formação de palavras, como a composição por meio de radicais; são "calcos linguísticos", conforme Bechara (2009, pp. 351-355): "palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) traduzidos". Diferem dos empréstimos diretos ou adaptações fonéticas, pois dão origem a palavras compostas por justaposição de elementos já existentes no idioma para preservar conceitos e compostos estrangeiros por meio da tradução palavra por palavra. Esse processo os legitima no léxico brasileiro sem adoção direta da forma estrangeira. São calcos na medida em que procuram recriar o significado do *Übermensch* justapondo preposição, prefixo, advérbio (sobre, pro/pró, super, além) + substantivo (homem).

Eles criam diferentes sentidos de superação do conceito tradicional de "homem", marcando posicionamento (sobre, pro/pró, super, além) em relação a ele. E também refletem o influxo de línguas estrangeiras (alemão, francês, inglês, italiano, espanhol) e a criatividade dos intelectuais brasileiros, que criaram vocábulos para a filosofia de Nietzsche conforme a forma de vida especificamente brasileira e seus contextos próprios. Para identificar seus significados, recorro a Wittgenstein (cf. 2022) em sua concepção do significado como uso em uma forma de vida e seus jogos de linguagem. Para explorar como funcionam na prática discursiva, recorro a John Searle (cf. 2002) em sua teoria dos atos de fala. E a Hilary Putnam (cf. 2013), com a sua divisão do trabalho linguístico, para compreender a especialização desse léxico brasileiro da filosofia de Nietzsche[1].

As traduções do *Übermensch*, começando com "sobrehomem", por Julio Erasmo, depois "pro-homem", de João Ribeiro, em seguida "Super-homem", com Leopoldo de Freitas, "Além-Homem", de Mário Ferreira dos Santos e "além-do-homem", por Rubens Rodrigues Torres Filho, são criações conceituais, à maneira de Deleuze e Guattari. Para ambos, a "filosofia" "é a disciplina que consiste em *criar* conceitos"; e consideram que o "conceito não é paradigmático, mas *sintagmático*; não é projetivo, mas *conectivo*; não é hierárquico, mas *vicinal*; não é referente, mas *consistente*"[2]. Proponho assim analisar os neologismos criados no Brasil para traduzir o *Übermensch* de Nietzsche. Alguém poderia objetar que tal esforço resultou na criação de palavras, de um novo léxico, e não de conceitos. Neste artigo, defendo que esses termos ultrapassam a invenção lexical. Eles são conceitos sintagmáticos, inserindo-se em cadeias de significação locais; são

[1] Esta metodologia foi exposta e testada no GT-Nietzsche da ANPOF, no XX Encontro da ANPOF, 2024, Recife/PE. Cf. "Analítica da recepção do léxico nietzschiano no Brasil", in: *Leituras Nietzschianas II*. Org., André Itaparica e Rogério Lopes. (e-book) Toledo, Pr.: Instituto Quero Saber, 2026, pp. 143-155.
[2] Deleuze; Guattari, 1992, p. 13-119.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

conectivos, articulando o pensamento de Nietzsche com questões brasileiras; são vicinais, estabelecendo diálogos entre si e com outras noções filosóficas; e são consistentes, formando unidades de pensamento internamente coerentes e ajustadas a uma forma de vida específica. A recriação do *Übermensch* no Brasil não foi, portanto, um exercício de tradução passiva, mas um ato filosófico. Os conceitos então criados são "transcriações", isto é, criações paralelas e autônomas, à maneira de Haroldo de Campos[3], mantendo uma relação de reciprocidade tanto com a obra do filósofo alemão quanto com o contexto intelectual brasileiro. Essa hipótese evidencia que essas palavras não apenas traduzem o *Übermensch*, mas criam significados novos para ele, moldados pelo contexto cultural, filosófico e linguístico brasileiro.

Para desenvolvê-la, distingo significado primário e significado secundário. Significado primário é o significado do *Übermensch* nos textos de Nietzsche, atrelado ao seu uso em contextos específicos, como *Assim falou Zaratustra*, *Ecce homo*, onde o termo assinala uma superação do homem tradicional. Significado secundário são os significados gerados pelas transcriações brasileiras, que reelaboram o conceito em função de jogos de linguagem, atos de fala e divisões do trabalho linguístico no contexto brasileiro. Essa distinção permite analisar como os neologismos criados para traduzir o *Übermensch* são, ao mesmo tempo, isomorfos (mantêm uma correspondência estrutural e conceitual) e recíprocos (dialogam com o conceito original, mas introduzem nuances próprias).

Significado primário do *Übermensch* na linguagem performativa de Nietzsche

O significado primário do *Übermensch* está vinculado ao contexto filosófico da obra de Nietzsche, marcada pela crítica à moral cristã e ao seu niilismo, pela valorização da superação de si e da criação de valores e pela rejeição de idealismos transcendentais em favor de uma imanência. O *Übermensch* aparece em jogos de linguagem específicos, como o discurso poético-filosófico de Zaratustra, que combina metáforas, aforismos, intertextualidade e provocações. Em *Ecce homo*, Nietzsche esclarece como a palavra deve ser entendida ("como designação do tipo mais altamente bem logrado") e como ela não deve ser entendida ("como tipo "idealista" de uma espécie superior de homem, meio "santo", meio "gênio" ..."). (EH/EH, Por que escrevo livros tão bons, §1, KSA 6.300)[4].

[3] cf. Azeredo, 2024, p. 7.

[4] Nietzsche, F. *Obras Incompletas*. Col. "Os Pensadores". Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 383. A partir de agora indicado como RRTF.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

Nietzsche usou a linguagem de maneira performativa em muitas obras. Seu léxico veicula significados e ações que provocam respostas e mudanças no seu receptor. Seus conceitos, como o *Übermensch* e o *ewige Wiederkunft*, convocam à ação e à transformação pessoal. Para Linda Simonis (2002, p. 58), Nietzsche é um "defensor e teórico do performativo *avant-la-lettre*". Já Barbara Cassin[5] o vê como um precursor da noção de performatividade linguística. À maneira da categorização dos atos de fala de John Searle, muitos dos seus conceitos são assertivos, por dizer às pessoas como alguma coisa é, mas também diretivos, por querer levá-las a fazer algo, e compromissivos, por comprometê-las com algo, seja um valor ou uma ação, bem como expressivos, já que permitem a expressão de sentimentos e atitudes. Com efeito, sua linguagem performativa instiga reflexões e ações em seus receptores.

Na passagem do *Zaratustra* intitulada "O convalescente" (ZA/ZA III, KSA 4.270), Nietzsche performa com conceitos como *ewige Wiederkunft* e *Übermensch*. Ao apregoar que Zaratustra retornará para novamente "ensinar" o "*eterno retorno*" de todas as coisas e anunciar aos homens o *Übermensch*, ele utiliza a linguagem de maneira performativa para atrair seu receptor à ação. Desde o Prefácio, o *Übermensch* significa a ideia de um "ser humano, que *transpõe* os limites do humano".[6] O termo não é um símbolo para a representação de um ideal, ele é um ato de fala que intervém e transforma interações humanas. Com esse conceito, Nietzsche afirma que o homem, conforme o "modo de todo vivente", precisa sempre "superar a si mesmo" (*selber überwinden*) (ZA/ZA II, "Da superação de si", KSA 4.148, RRTF), carregando um sentido diretivo que instiga seu receptor à ação de autossuperar-se, a abandonar a moral tradicional e a criar valores enraizados na imanência terrena. É um chamado à transformação. Como meta a ser alcançada, questiona o que os homens fizeram para superar a si mesmos, e demanda fidelidade à terra em oposição às esperanças em um além-mundo ou além-túmulo (cf. ZA/ZA I, Prefácio 3-4, KSA 4.18).

São conceitos performativos: extrapolam a argumentação para se tornarem veículos de atos de fala que transformam seu receptor. O eterno retorno, mais diretivo do que assertivo, não é somente uma doutrina da repetição cíclica, é um pensamento que questiona os valores estabelecidos e exige uma reavaliação radical da existência. Ao imaginar ter de viver a mesma vida eternamente, o receptor é confrontado com a

[5] cf. Cassin, 2010, p. 17.
[6] cf. a nota de Torres Filho, 1974, p. 228.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

necessidade de afirmar sua vida em sua totalidade, aceitando inclusive o sofrimento e a dor. Esse pensamento não é uma prescrição. Ele adquire poder sobre o receptor e o transforma, transportando um ato de fala diretivo que o exorta à autossuperação (*Selbst-Ueberwindung*), como uma "espécie de máxima existencial, individual e circunstancial"[7]. Já o *Übermensch* tampouco é apenas assertivo, mas um chamado à ação. Ao ensinar que o homem é algo a ser superado, Zaratustra usa o termo de modo assertivo, comparando o homem atual a um macaco em relação ao *Übermensch*. Mas seu uso é principalmente diretivo, questionando o que os homens fizeram para superar a si mesmos e exigindo fidelidade à Terra. Com ele, Nietzsche mobiliza seu receptor a agir para superar a si mesmo e afirmar sua vida terrena. Performativo, provoca a transformação radical do receptor, em direção a uma afirmação da sua própria vida.

Vejamos agora significados secundários do *Übermensch* de Nietzsche, isto é, aqueles criados no contexto da recepção de sua filosofia no Brasil.

Analítica do "sobrehomem"

A palavra "sobrehomem" aparece no primeiro texto a respeito de Nietzsche publicado no Brasil de que tenho registro, do diário carioca *Gazeta de Notícias*, intitulado "O neo-cinismo", de 1893, assinado por Julio Erasmo. Nele, "sobrehomem" calca o termo alemão "*übermensch*". A formação da palavra segue um processo de composição com elementos vernáculos de existência independente. Embora "sobre" funcione como prefixo na composição, é uma preposição do português, com uso autônomo, indicando posição superior (em cima, por cima), tema (a respeito de) ou outras relações como direção, tempo e localização. A união dos dois termos (sobrehomem) resultou em uma construção nova e significativa: "aquele que está acima do homem atual", buscando dar conta do conceito nietzschiano do *Übermensch*.

A forma sem hífen era compatível com os usos ortográficos da época. Com o Acordo Ortográfico atualmente em vigor, a forma correta seria "sobre-homem", já que a regra prevê o uso do hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com "h". Mas é importante considerar que, no final do século XIX, tais normas não estavam consolidadas, e o uso sem hífen era comum. A criação lexical de Julio Erasmo alia uma intenção nacionalista (evitando estrangeirismos) com uma preocupação didática: o termo "sobrehomem" se apoia em palavras familiares ao falante do português

[7] Melo Neto, 2022, p. 143.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

e oferece, de forma direta, uma aproximação do conceito filosófico. Não obstante, os calcos podem soar artificiais ou inadequados. Eis aí: sobrehomem não se consolidou.

No seu texto, Erasmo afirma: "Atualmente, fala-se com insistência em Frederico Nietzsche". Quem falava com insistência sobre Nietzsche? No Brasil desse período, eram os germanistas, sobremaneira os herdeiros e continuadores da Escola do Recife. É nesse contexto filosófico que Erasmo cita o "*übermensch*", discorrendo sobre "as teorias de Nietzsche" a partir de "excelente estudo crítico" não revelado[8]. Ele o traduz por "sobrehomem" e o define como um "tipo" "produto de rigorosa seleção". O texto apresenta estereótipos que conferem significado ao neologismo. Um significado geral e negativo, usado para combater as "tendências filosóficas de algumas escolas alemãs".

Erasmo contextualiza o sobrehomem dentro de uma crítica que faz às "tendências filosóficas" emergentes na Alemanha (e no Brasil), associando Nietzsche ao imoralismo e ao que denomina de neocinismo aristocrático. Entre os estereótipos que atribui ao sobrehomem, que fundamentam sua visão crítica, inclui a rejeição de uma moralidade geral humana, adotando em seu lugar um conjunto de valores individuais, orientados para o desenvolvimento e expansão de qualidades excepcionais. O sobrehomem é apresentado como um tipo humano acima de religião, pátria, família, ou quaisquer outros compromissos sociais tradicionais, vivendo de acordo com seus próprios princípios e instintos, sendo produto de uma "rigorosa seleção", sugerindo uma visão elitista e darwinista social da evolução humana.

Através desses estereótipos, Erasmo constrói um significado geral do sobrehomem que o posiciona fortemente contra as normas morais e religiosas vigentes, particularmente aquelas associadas ao cristianismo. Esses estereótipos refletem um entendimento específico e crítico da filosofia de Nietzsche e servem como um meio para contestar e criticar tendências filosóficas consideradas perigosas, então emergentes na Alemanha (e no Brasil). Assim, o uso do termo "sobrehomem" por Erasmo não é neutro, mas carregado de crítica destinada a alertar receptores brasileiros sobre os riscos que esse conceito representa para a ordem moral e social então estabelecida. Serve, portanto, para veicular atos de fala do desconhecido autor desse cenário intelectual brasileiro.

Esse é o contexto de criação do neologismo "sobrehomem". Seu sufixo "sobre" indica superioridade hierárquica, compreensão que pode estar relacionada com o

[8] É provável que sua fonte tenha sido Jean Bourdeau: *Nouvelles modes en philosophie: le néo-cynisme aristocratique-Frédéric Nietzsche*. In *Journal des Débats*, 20 de abril de 1893, pp. 1-2.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

pensamento evolucionista do final do século XIX. É um composto prefixal criado para traduzir *Übermensch*, conferindo-lhe superioridade ou excesso em relação ao homem tradicional. O trecho: "Só o *sobrehomem*, o tipo dos *übermensch*, produto de rigorosa seleção, pode salvar-nos de irremediável decadência e nojenta degradação"[9] , sugere um tipo humano eugênico. Esse significado atribuído por Erasmo distancia-se do significado primário nietzschiano e o associa a um projeto de salvação social eugenista. Com a palavra "sobrehomem", o conceito nietzschiano do *Übermensch* começa a ganhar significado na língua brasileira e uma especialização, no sentido de Putnam, e uso e função na linguagem, à maneira de Wittgenstein e de Searle. Vejamos.

Essa ressignificação ilustra o que Hilary Putnam chamaria de especialização semântica: "sobrehomem" é um termo filosófico com contornos ideológicos locais, vinculado a debates brasileiros do final do século XIX sobre degeneração racial e progresso. A palavra operou no discurso público, encapsulando tanto o medo da decadência quanto a crença em uma elite redentora. Pragmaticamente, seu uso configurou um ato de fala diretivo (na terminologia de John Searle), pois Erasmo não apenas o expõe assertivamente, mas, contra ele, prescreve uma visão de mundo. Embora Erasmo critique Nietzsche, ele adota e difunde seu vocabulário, como os termos "sobrehomem", "degenerescência", "seleção" etc. Isso mostra como neologismos filosóficos, mesmo quando rejeitados, podem infiltrar-se no imaginário social e influenciar debates políticos. No caso brasileiro, o "sobrehomem" antecipa discursos que, décadas depois, serão mobilizados para justificar projetos autoritários, prova de que a tradução de conceitos nunca é inocente, mas sempre um ato de recriação numa forma de vida específica.

O "sobrehomem" demonstra, assim, seu caráter de conceito. Ele é sintagmático ao se inserir no debate brasileiro do final do século XIX sobre degeneração racial e progresso, mobilizado para combater o germanismo ("neocinismo"). É conectivo ao vincular o conceito nietzschiano do *Übermensch* a projetos de salvação social de cunho eugenista, conectando filosofias europeias a pretensões locais. Sua vicinalidade se evidencia na oposição que estabelece com a moral cristã vigente e na relação que constrói com ideias como "seleção" e "degenerescência". Apresenta consistência ao encapsular, de forma unitária, tanto o medo da decadência quanto a crença em uma elite redentora, funcionando pragmaticamente como um ato de fala diretivo que prescreve uma visão de

[9] Erasmo, 1893, p. 1.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

mundo. Tornou-se uma ferramenta conceitual que alcançou significados moldados por seu uso em jogos de linguagem de uma forma de vida específica.

Analítica do "pró-homem"

O germanista João Ribeiro traduziu "*übermensch*" com variações ortográficas: "prohomem" e "pro-homem", em diferentes versões do texto "Frederico Nietzsche (1896)", escrito em Berlim e publicado na primeira página do diário carioca *Jornal do Comércio* em 1897[10]. Ele chega a traduzi-lo uma vez pela palavra "sobre-homem". A palavra "pro-homem" é formada pela justaposição de "pro" (com valor prefixal) + "homem" (substantivo). E é, sobretudo, uma transcriação que recria o *Übermensch* com nuances para o contexto brasileiro, refletindo a criatividade de Ribeiro, que molda o conceito nietzschiano às formas de vida do Brasil do seu período e contexto próprio.

O prefixo "pro" calca um equivalente para "über", embora com nuances distintas. No uso de Ribeiro, a escolha parece refletir uma leitura neoclássica e moderada do *Übermensch*, não como transgressor radical, mas como "aquele que está adiante". As variações gráficas podem ter ocorrido por falta de normatização, por liberdade estilística e conceitual, pela tentativa de captar o tom filosófico e elevado do termo alemão, pela influência de outras línguas (ex.: francês e alemão escrevem *Übermensch* como uma só palavra), e/ou pelo desejo de fixar uma marca conceitual. A forma "pró-homem" é a mais adequada segundo as normas atuais. Ela resulta da composição por justaposição de um prefixo tônico ("pró") de origem latina e o substantivo "homem", formando um substantivo com hífen. Seu desuso não tardou, mas sua análise revela muito sobre a história da recepção da filosofia de Nietzsche no Brasil e o esforço dos primeiros tradutores em vernacularizar conceitos filosóficos estrangeiros.

---

[10] A primeira versão do texto foi publicada com o título "F. NIETZCHE", no *Jornal do Comércio*, a 18 de junho de 1897, p. 01; versão também publicada no *Almanaque Brasileiro Garnier*, Rio de Janeiro, 1904, pp. 247-250, com modificação no título e correção do nome do filósofo, sem o "s" na versão de 1897: "FREDERICO NIETZSCHE". Uma versão com modificações e breves acréscimos foi publicada no livro *O Fabordão (crônica de vário assunto)*, 1910, pp. 17-27. Nela Ribeiro modificou o título para "Frederico Nietzsche (1896)", permanecendo as variações "prohomem" e "pro-homem". Em 1967 a editora Tecnoprint Gráfica S. A. publicou *O Fabordão* com revisão crítica de Aurélio Buarque de Hollanda, que uniformizou o termo para "pró-homem", com acento e hífen. Muito antes, em 1899, José Veríssimo já havia alterado o termo para "pró-homem", e em texto de 1903, varia ao também usar "Pró-homem". O acento distingue as duas formas do prefixo "pro" com significados e regras de uso diferentes. Quando é usado com hífen e pronunciado de forma mais forte, é tônico grafado com acento agudo e significa "a favor de", "em defesa de" (ex: pró-reitor, pró-europeu). Como prefixo átono, pronunciado de forma mais fraca, como parte integrante da palavra seguinte, é grafado sem acento, sendo aglutinado ao segundo elemento sem hífen e significa "movimento para frente", "em lugar de" (ex: progredir, projeção, prognóstico).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

Em sua "crônica", Ribeiro (1967, p. 47) delineia Nietzsche como "O filósofo que sonhara o tipo do pró-homem (*Übermensch*) onipotente, fora da moral e das convenções, realizando, na plenitude de toda a liberdade, toda sua força individual, paixões, instintos ou talentos", revelando uma transcriação particular do termo. O prefixo "pró" adiciona sentido específico à palavra "homem", sugerindo a ideia de projeção futura. Essa criação léxico-conceitual afasta a conotação hierárquica presente em "sobrehomem", substituindo-a por uma noção de potencialidade, um homem que está "à frente". Ribeiro o associa à plenitude da liberdade individual, destacando sua ruptura com moralidades convencionais e a exaltação de paixões, instintos ou talentos. Essa especialização conceitual reflete uma leitura mais existencialista do que elitista: o foco não está na superioridade, mas na autoafirmação. Essa nuance o diferencia do "sobrehomem" (ligado à seleção social) e do *Übermensch* primário (que em Nietzsche combina autossuperação (*Selbst-Ueberwindung*) e criação de valores). Pragmaticamente, ele funciona como um ato de fala diretivo: Ribeiro apresenta o "pró-homem" e, com ele, prescreve uma visão de emancipação. O uso do verbo "sonhara" atribui a Nietzsche uma promessa de libertação, enquanto a enumeração de qualidades ("força, paixões, talentos") transforma seu conceito em um ideal performativo. Ao contrário de Erasmo, que via o conceito como perigoso, Ribeiro celebra sua carga transgressora, ainda que, como Searle destacaria, como ato de fala, carregue a intencionalidade ilocucionária de influenciar seu leitor a ultrapassar normas sociais e a autoafirmar-se.

A criação da palavra "pró-homem" revela uma invenção léxico-conceitual culturalmente situada. O prefixo "pró" aproxima o significado primário do conceito nietzschiano do *Übermensch* a ideias progressistas do século XIX. A omissão de hierarquias sugere que Ribeiro lê o conceito de Nietzsche mediante uma lente menos social-darwinista e mais individualista e estética. Essa diferença exemplifica como um mesmo conceito filosófico pôde ser reconfigurado por criações linguísticas, refletindo disputas locais. Enquanto Erasmo via o *Übermensch* como ameaça, Ribeiro o recria como promessa futura. E oferece uma compreensão particular do "pró-homem", pois embora mantenha certa crítica, esta parece imbuída de um entendimento mais matizado da filosofia nietzschiana. Para atribuir significado ao termo, Ribeiro destaca alguns estereótipos que emergem de sua leitura da obra de Nietzsche. Vejamos.

O "pró-homem" é definido como um tipo "onipotente". Ribeiro enfatiza tratar-se de um tipo que supera a moralidade e as convenções sociais, manifestando sua força individual, paixões, instintos e talentos de maneira plena e livre. Em comparação com

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

Schopenhauer, argumenta que "Nietzsche sonhava evolução nova, a do sobre-homem, mas já não pelo processo darwínico ou goethiano da fome e do amor, mas por uma seleção nova, guerreira sem dúvida, e todavia intelectual"[11]. O futuro imaginado por Nietzsche seria incompatível com a moralidade cristã e suas derivações, como o socialismo e a democracia, vistos como expressões do rebanho, em oposição ao individual. Inspirado por figuras históricas como Napoleão e os Bórgias, o "pró-homem" simboliza o triunfo do indivíduo que utiliza suas forças para alcançar sua proeminência, independentemente das normas sociais. Por meio dele, segundo Ribeiro, Nietzsche propõe uma "*inversão de todos os valores*"[12], valorizando a força, a conquista e o poder em detrimento da compaixão, da humildade e da solidariedade.

Dessa forma, João Ribeiro apresenta um significado do "pró-homem" que mantém reciprocidade com a complexidade e radicalidade da proposta de Nietzsche. Ao mesmo tempo, ele aponta para a ambivalência e o potencial destrutivo dessa visão, especialmente em relação aos valores humanitários e cristãos que, segundo ele, ainda sustentam a civilização. Diferente da abordagem crítica de Julio Erasmo, Ribeiro adota uma postura que, embora crítica, também reconhece o valor e a originalidade do pensamento de Nietzsche. Ele não rejeita totalmente o "pró-homem", mas questiona as implicações de sua realização para a sociedade e os valores morais então vigentes. Ao destacar tanto as potencialidades quanto os perigos associados ao "pró-homem", Ribeiro contribui para o debate sobre as ideias de Nietzsche no contexto do final do século XIX e início do XX.

Portanto, essa criação lexical de João Ribeiro configura um conceito singular. Sua natureza sintagmática o situa em uma leitura mais individualista e estética de Nietzsche, distanciando-se da conotação hierárquica do "sobrehomem". A palavra "pró-homem" age como operador conectivo ao aproximar o *Übermensch* de ideias progressistas e evolucionistas, enfatizando a autoafirmação e a plenitude da liberdade individual em detrimento de uma visão puramente elitista. Sua vicinalidade é marcante no diálogo que estabelece com outros conceitos nietzschianos, como a "inversão de todos os valores". Ela exibe consistência ao articular de modo coerente a ideia de um homem voltado para o futuro, "à frente de si", funcionando como um ato de fala que celebra a transgressão e a autoafirmação. Assim, Ribeiro criou uma palavra, mas não somente: ele criou um

[11] Ribeiro, 1967, p. 49.
[12] Ribeiro, 1967, p. 50.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

conceito, pois recriou, em português, uma ideia presa numa palavra alemã, imprimindo-lhe uma nuance própria e ajustando-a às formas de vida do seu contexto específico.

Analítica do "super-homem"

A palavra "Super-homem", como tradução do *Übermensch* nietzschiano, foi empregada explicitamente, talvez pela primeira vez, por Leopoldo de Freitas, no texto "Um filósofo", de 1899. O termo "superhomem" já aparece na imprensa brasileira em 1896, no *Jornal do Comércio* (e *Jornal do Recife*), em texto do intelectual italiano Giovanni Bovio, correspondente do periódico carioca na Itália. Seu texto foi publicado sem referência ao tradutor. Bovio dialogava com o pensamento de Nietzsche. Pelo menos uma vez em sua obra, ele usou o termo "superuomo" em referência a Nietzsche.[13] Seu texto publicado na imprensa brasileira traz um contexto cultural e histórico amplo, no qual usa o termo como metáfora ou símbolo relacionado a expectativas históricas e ideais humanos, numa passagem onde se pergunta: "Por que procurais o superhomem?".[14] Portanto, a palavra "superhomem" já circulava no Brasil, no mínimo em 1896, com referência implícita e indireta a Nietzsche.

No caso de Freitas, seu contato com Nietzsche se deu por meio do crítico literário Teodor de Wyzewa. Dele traduziu trecho em que este afirma ter sido em "*Assim falou Zarathustra*" que Nietzsche invocou "o aparecimento do *Super-homem*, 'do ser inteligente e forte destinado a livrar o mundo da sua degradação, resultante de tantos séculos de moral e de religião...'".[15] Teodor de Wyzewa, crítico e tradutor franco-polonês, traduziu o termo nietzschiano para o francês como *Surhomme*. A partir deste, Freitas calca e dissemina uma palavra que recria em português o conceito da filosofia nietzschiana.

No português brasileiro moderno, "super", prefixo que significa "em acima", "superior a", é atualmente usado na linguagem informal como adjetivo e como advérbio intensificador. Mas não encontrei estudo que fixa data para quando "super" deixou de ser usado unicamente como prefixo para se tornar uma palavra autônoma. O fenômeno parece gradual, associado ao aumento da informalidade e influência da linguagem falada e da indústria cultural. Esse uso, porém, é posterior à formação da palavra "super-homem" no contexto nietzschiano. Na época em que a palavra "super-homem" foi criada, "super" era primordialmente um prefixo latino, não uma palavra autônoma. Sua composição é

[13] Bovio, 1923, p. 144.
[14] Bovio, 1896, p. 1.
[15] Freitas, 1899, p. 1.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

vernácula (ambos os elementos são integrados ao português brasileiro), mais precisamente uma prefixação, devido à natureza não autônoma do prefixo "super".

Para além do texto de Freitas, "Super-homem", como criação coletiva, reflete influências do italiano *superuomo*, do francês *Surhumain*/*Surhomme* e do inglês *Superman/Overman*, introduzindo conotações de heroísmo ou excepcionalidade. O termo reverberou no modernismo e na cultura industrial de massa, especialmente após a popularização do *Superman* dos quadrinhos na década de 1940. Era muito empregado com hífen em "super-homem", conforme a regra ortográfica de uso do hífen em compostos prefixais quando o segundo elemento começa com "h". Sobre a inicial maiúscula, "Super-homem" ou "Super-Homem", a questão é contextual e semântica. Quando se refere à personagem da *DC Comics* (*Superman*, criada em 1938), a forma consagrada em português passou a ser "Super-Homem", com letras maiúsculas por ser nome próprio. O hífen permanece por regra ortográfica. Quando se trata do conceito filosófico (*Übermensch*), há grande variação histórica e editorial. Temos "Super-homem", "super-homem", "SuperHomem" (forma mais arcaica ou estilística) e "superhomem" (forma aglutinada, não recomendada ortograficamente). A forma "super-homem", com hífen, por causa do h, predominou; com minúscula se não for início de frase ou não indicar a personagem dos quadrinhos (também apropriada pelo cinema). Nas primeiras décadas do séc. XX, era comum as formas não padronizadas. As variações ocorriam por influência de línguas estrangeiras, por ausência de normatização clara e por desejo estilístico de diferenciar um conceito filosófico da personagem da indústria cultural.

No texto de Freitas, "Super-homem" é uma recriação do conceito nietzschiano que difere tanto do "sobrehomem" quanto do "pró-homem". Essa criação léxico-conceitual ocasionou implicações filosóficas. O prefixo "super" carrega uma conotação de superioridade que molda praticamente toda a significação do conceito, composto por "super" (prefixo latino, indicando superioridade ou excesso) + "homem" (radical que mantém a referência ao humano, como em "super-humano"). Com ele, Freitas contribui para a especialização do conceito nietzschiano. Contrasta com transcriações anteriores, visto que "Super-homem" possui conotação quase heroica, vinculada a uma missão histórica. Seguindo a interpretação de Wyzewa, o romancista Leopoldo Freitas atribui ao "Super-homem" uma função redentora, "destinado a livrar o mundo da sua degradação". Temos, assim, uma ressignificação: o conceito ganha um caráter quase messiânico, ajustado ao contexto cultural que o recriou, distante do significado primário proposto pelo

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

filósofo alemão. Freitas, ao vincular a "degradação" aos "séculos de moral e de religião"[16], está participando de uma discussão mais ampla sobre modernização e secularização. Sua recriação do conceito nietzschiano serve tanto para criticar a tradição cristã quanto para propor uma alternativa elitista de renovação social.

Por essa via, a abordagem de Freitas exemplifica como a recepção de Nietzsche no Brasil envolveu tradução linguística e criação conceitual. O termo "super-homem" consolidou-se como um conceito de ampla circulação. Ele é sintagmático por se encaixar nos debates brasileiros sobre decadência, secularização e a necessidade de regeneração social. Atua como elemento conectivo ao vincular a filosofia de Nietzsche a uma expectativa quase messiânica de um redentor que libertaria o mundo da "degradação" moral e religiosa. Sua vicinalidade é evidente na rede de sentidos que forma, associando-se a figuras heroicas e, posteriormente, ao personagem dos quadrinhos, o que ampliou seu alcance, mas também o banalizou. Sua integração, que unifica a ideia de superioridade, força intelectual e uma missão soteriológica, caiu na inconsistência, sem deixar de ser um conceito-chave para entender como o conceito de Nietzsche foi utilizado no Brasil.

Analítica do "Além-Homem"

O neologismo "Além-Homem", de Mário Ferreira dos Santos, foi criado em 1954, para sua tradução do *Assim falava Zaratustra*. "Além" é palavra vernácula do português; sua classe original é advérbio de lugar (ex.: foi além), mas pode ser substantivada. Tem uso autônomo na língua. E "Homem" é um substantivo vernáculo e autônomo. Assim, "Além-Homem" é uma palavra composta por dois vocábulos vernáculos; sua formação segue a regra tradicional de composição por justaposição. A grafia com hífen segue a convenção de unir os dois termos e indicar que formam uma unidade semântica composta. Isso é coerente com formações semelhantes, como "além-mar".

Considerar as diferentes funções da palavra "além", como substantivo ("o além", com conotações metafísicas de transcendência) e como advérbio (indicando localização, direção ou ultrapassagem, com sentido de imanência), é crucial para aprofundar a análise de "Além-Homem" na recepção da filosofia de Nietzsche no Brasil. Essa distinção tem implicações filosóficas, especialmente quando relacionada ao conceito do *Übermensch*, que, em Nietzsche, não significa uma transcendência. Quando usada como substantivo, "Além" frequentemente denota uma ideia de transcendência metafísica, como em "o

[16] Freitas, 1899, p. 1.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

além" (um domínio além da vida terrena). Essa acepção está associada a concepções religiosas ou metafísicas, sugerindo um plano superior ou separado da realidade material. No contexto da filosofia de Nietzsche, essa leitura seria inadequada, pois o *Übermensch* não é uma entidade transcendente, mas uma figura imanente que supera os limites do homem moderno através da afirmação da vida e da criação de valores.

No caso de "Além-Homem", a palavra "Além" mantém sua função morfológica adverbial, funcionando como primeiro termo em uma composição por justaposição que associa o sentido de atravessamento, ultrapassagem, ao substantivo "homem". Como advérbio, "Além" indica localização, direção, posição ou tempo, sugerindo algo que está "mais adiante" ou "para lá de". Essa função está alinhada com o prefixo alemão "über", em *Übermensch*, que denota ultrapassagem ou superação no sentido de ir além de um estado ou condição, sem implicar uma transcendência metafísica. "Além" como adjunto adverbial em "Além-Homem" está mais próximo da imanência nietzschiana, que enfatiza a transformação existencial dentro do mundo, e não uma ascensão a um plano superior.

O uso da letra maiúscula em "Homem" pode indicar uma ênfase não estilística, mas filosófica, destacando o humano como central. Ao usar "Além" como adjunto adverbial, Mário Ferreira indica que o *Übermensch* é um tipo humano que ultrapassa a condição humana atual, movendo-se "para além" do homem tradicional, que Nietzsche chama de "o último homem" (*der letzte Mensch*) (ZA/ZA I, Prefácio 5, KSA 4.19). Sua criação evita conotações metafísicas e alinha-se ao sentido nietzschiano de imanência: o *Übermensch* é uma possibilidade existencial dentro do mundo, não uma entidade transcendente. A escolha de "Além" reflete uma leitura filosófica rigorosa, possivelmente influenciada pela formação sistemática de Ferreira dos Santos, que buscava articular conceitos complexos com precisão.

Como ato de fala, "Além-Homem" pode ser interpretado como um termo assertivo, usado em contextos acadêmicos para recriar a ideia nietzschiana de autossuperação. O termo realiza um ato ilocutório, sugerindo uma nova visão do humano como um tipo em transformação, envolvendo uma afirmação sobre o mundo, como os atos assertivos, que se concentram na veracidade do que é dito. E participa de um jogo de linguagem filosófico, circunscrito a círculos acadêmicos ou ensaísticos, onde a ênfase está na transformação existencial e na crítica à moral tradicional moderna cristã.

Deste modo, Ferreira dos Santos, como filósofo e tradutor, contribui para a criação e a especialização do léxico brasileiro de Nietzsche, criando um termo que reflete sua interpretação do *Übermensch* como um conceito de superação imanente. "Além-Homem"

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

é uma transcriação que preserva o significado do *Übermensch* (autossuperação) enquanto introduz uma nuance brasileira, ajustada ao contexto intelectual do país. O termo "super-homem" estava desgastado e indicava mais a personagem da cultura industrial ou se comprometia com a ideologia nazifascista. Era necessário fazer filosofia, isto é, era necessário criar outro termo, e assim recriar o conceito de Nietzsche em novo contexto.

Com base nas "Palavras prévias do tradutor", texto de Mário Ferreira dos Santos para sua tradução de *Assim falava Zaratustra* (1954), é possível identificar um profundo engajamento filosófico em sua criação do termo "Além-Homem" para traduzir *Übermensch* – uma intervenção conceitual que antecede em décadas a proposta de Rubens Rodrigues Torres Filho. Ferreira dos Santos não via a tradução como mera transposição linguística, mas como um "esforço" e um "dispêndio de energias" que exigia uma imersão total no pensamento do autor. Seu objetivo declarado era "ser o mais fiel ao [seu] pensamento, nunca sacrificando este em benefício do estilo", posicionando-se na perspectiva de "como [Nietzsche] escreveria *Zaratustra* em português"[17].

Esta não era uma tarefa somente linguística, mas também filosófica. Ferreira dos Santos fundamenta sua interpretação num estudo de "vários e longos anos", no qual compulsou "não só toda a obra de Nietzsche, como os seus mais categorizados comentadores". Mais do que um tradutor, ele se via como um intérprete responsável por "oferecer ao leitor brasileiro uma visão tão clara quanto possível do genuíno pensamento do filósofo-poeta de Sils-Maria". Ao propor "Além-Homem", rejeitou a carga heroica e industrializada do "super-homem", buscando um termo que captasse a noção de superação imanente e ultrapassagem presente no original alemão. Assim, antes de Torres Filho, Mário Ferreira já demonstrava que a criação de um conceito em português – como uma transcriação filosoficamente informada – é um modo legítimo e necessário de fazer filosofia, guiado por "amor à obra" e "fidelidade ao seu pensamento"[18]. Sua opção por "Além-Homem" foi, portanto, um ato de criação filosófica, um esforço para rearticular no Brasil do seu período os aspectos mais radicais do conceito de Nietzsche.

Essa criação de Ferreira dos Santos representou um refinamento conceitual deliberado. Seu caráter sintagmático situa-o em um contexto de maior maturidade da recepção filosófica de Nietzsche no Brasil, marcado pelo esforço de precisão terminológica e de superação dos desvirtuamentos do "super-homem". Atua como

[17] Santos, 2014, p. 10.
[18] Santos, 2014, p. 10.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

operador conectivo ao religar o conceito à sua raiz imanente no pensamento de Nietzsche, evitando conotações metafísicas ou de heroísmo sobrenatural. A vicinalidade do termo se manifesta na clara distinção que estabelece em relação às traduções anteriores e no diálogo que promove com a noção do "último homem". Sua consistência é notável: ao justapor o advérbio "Além" (indicando ultrapassagem) ao substantivo "Homem", Ferreira dos Santos constrói uma unidade de pensamento sólida que capta a ideia de superação imanente presente no original alemão. "Além-Homem" é, portanto, a transcriação de um conceito, um ato filosófico que visava restaurar a potência do *Übermensch* no Brasil.

Analítica do "além-do-homem"

Como já sabemos, "além" é advérbio (vernáculo e autônomo); "do" é contração da preposição + artigo definido; e "homem" é substantivo vernáculo e autônomo. A expressão "além-do-homem", criada por Rubens R. Torres Filho em 1974 para traduzir *Übermensch*, é formada por elementos vernáculos com existência autônoma e construída com estrutura preposicional interna (advérbio + preposição + artigo + substantivo), formando uma locução preposicional substantivada que se comporta como substantivo com unidade conceitual coesa.

O uso dobrado do hífen é estilístico e conceitual, não normativo, servindo para dar unidade visual e semântica à expressão. Atuam como recurso de nominalização filosófica (um "nome-conceito"). E possibilitam indicar a unificação de sentido, por sinalizarem que a expressão não deve ser entendida pelas partes isoladas ("além", "do", "homem"), mas na totalidade conceitual. Isso é comum em textos filosóficos ou técnicos. Ex.: "ser-aí", em traduções de Heidegger; "para-si", em Sartre; "mais-valia", em Marx. Com isso, o uso dos hifens em "além-do-homem" não segue a norma ortográfica tradicional, mas cumpre uma função estilística e conceitual: sinalizar a unidade semântica da expressão como um termo filosófico composto, à semelhança de outras traduções técnico-filosóficas. Trata-se de uma opção marcada, que confere à locução a classificação de conceito filosófico singular, equivalente a uma palavra composta.

A inclusão do artigo em "do" é significativa, por conferir especificidade ao conceito criado, sugerindo que o "além-do-homem" é um indivíduo particular que atravessa a condição humana. Mesmo sendo um advérbio em sua classe original, "além" está funcionando como substantivo na expressão, recebendo um complemento introduzido por preposição ("do homem"), funcionando como um núcleo de uma locução substantiva. Isto é, "do homem" funciona como complemento nominal. Assim, "do"

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

(preposição + artigo) liga o substantivo "além" ao seu complemento. A preposição "de" indica relação ou superação e o artigo definido "o" sugere especificidade: não é "além de um homem", mas "do homem", ou seja, do humano, da condição humana. Dessa forma, o "além-do-homem" pode aparecer como figura específica, ideal, e até messiânica.

No entanto, "além-do-homem" também reforça a ideia de ultrapassagem imanente, visto que a presença do artigo "do" introduz uma nuance de individualidade ou especificidade. Isso sugere que o "além-do-homem" não é apenas uma categoria geral, mas um ser singular que encarna a ultrapassagem. A preposição marca a relação de superação, e o artigo definido introduz especificidade, indicando que o "além-do-homem" se refere a um ser particular, aquele que ultrapassa a condição humana. Com isso, embora similar a "Além-Homem", "além-do-homem" participa de um jogo de linguagem específico, isto é, abstrato, mas a inclusão da preposição + artigo pode sugerir um uso em contextos que enfatizam a individualidade ou a concretude do *Übermensch*. Nesse sentido, Rubens R. T. Filho, como tradutor-filósofo, contribui para a especialização do léxico brasileiro nietzschiano com uma criação que destaca a singularidade do *Übermensch*, diferenciando-se de outros neologismos mais genéricos, como "super-homem". Por conseguinte, "além-do-homem" é uma transcriação que recria o *Übermensch* com uma ênfase na individualidade, refletindo o contexto brasileiro e a intenção de Torres Filho de articular o conceito de maneira precisa e inovadora.

Em sua tradução de trechos do *Ecce homo*, Torres Filho intervém ao rejeitar o termo "super-homem". Ele justifica sua opção na nota à passagem em que Nietzsche critica a compreensão equivocada do *Übermensch* como um tipo "idealista". A nota é elucidativa: "A palavra – *Übermensch*, já comentada em outras notas. Ao desvirtuamento que Nietzsche refere aqui, corresponde a malfadada tradução por "*super-homem*". (N. do T.)".[19] Torres Filho identifica que a "malfadada tradução por '*super-homem*'" não é um problema meramente lexical, mas conceitual: ela perpetua o "desvirtuamento" que o próprio Nietzsche denuncia: a leitura do *Übermensch* como um ideal transcendente, um "super-herói" ou um modelo de perfeição moral, o que está em radical oposição ao seu sentido primário de autossuperação. Diante disso, o termo "além-do-homem" surge como uma necessidade filosófica. Seu criador não está apenas substituindo palavras, está engajando-se num ato de criação filosófica que visa restituir a potência e a nuance do conceito nietzschiano em terras tupiniquins.

[19] Torres Filho, 1974, nota 5, p. 383.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

A criação de Torres Filho busca estabelecer uma relação de máxima reciprocidade com o significado primário do *Übermensch*, tal como Nietzsche o delineia, no trecho que traz a nota do tradutor-filósofo. Ela evidencia o "cuidado [de Torres Filho] com a escrita, a [sua] constante interrogação pelo significado da significação...", em conformidade com o que disse Bento Prado Júnior a propósito de seus *Ensaios de filosofia ilustrada*.[20] A locução "além-do-homem", com sua estrutura preposicional, evita as conotações hierárquicas e heroicas de "sobre", "pró" e "super" e enfatiza a ideia de um movimento de atravessamento – um "ir além" da condição humana vigente, alinhando-se assim à imanência e ao caráter performativo do conceito nietzschiano.

Em sua tradução de trecho do *Assim falou Zaratustra*, Torres Filho tece um minucioso comentário léxico, no qual desdobra a rede semântica de *über* e seus compostos, revelando muito mais do que o cuidado filológico do tradutor. Ele expõe a postura filosófica que orientou sua criação do termo "além-do-homem":

> "*Comentário léxico*: – além-do-homem" – por *Übermensch*, termo de origem medieval, calcado sobre o adjetivo *übermenschliches* (sobre-humano), no sentido inicial de "sobrenatural" – em latim *humanus*, *homo*, etimologicamente: o nascido da terra (de *humus*), cf.: "mas que se sacrificam à *terra*, para que a terra um dia se torne do além-do-homem" (§4). Firmado pela tradição literária (Goethe, Herder) e renovado radicalmente por Nietzsche: ser humano, que *transpõe* os limites do humano. Na falta de uma forma como, p. ex., "sobre-homem" (como em francês *surhomme*), não há equivalente adequado em português, mas este próprio §4 do *Zaratustra* dá o contexto e a direção em que deve ser lida a palavra: "travessia, passar, atravessar". Para "travessia", o texto traz apenas a preposição *Hinüber*, como que solta no ar; *Übergang* (de *übergehen*, passar sobre) está em simetria com *Untergang* (de *untergehen*, ir abaixo, declinar, sucumbir, que se usa também para o acaso dos astros); numa tradução analítica, se diria: uma "ida-por-sobre" e uma "ida-abaixo"; para "atravessar", *hinübergehen*. Todos estes jogos com *über* (sobre, por sobre, para além) são demarcatórios quanto ao sentido do prefixo em *Über-mensch*. – "Sucumbir, ir-ao-fundo" – *Untergang*, *zugrundegehen*: em alemão, locuções feitas, eventualmente sinónimas. Mas o texto põe em realce seu sentido concreto, completo. – "Pendor, fatalidade, suspender-se, pender" – *Hang*, *Verhängnis*, *sich hängen, hangen*. *Verhängnis* vem do verto *verhängen*, no sentido primeiro de: soltar (deixar *pensas*) as rédeas de um cavalo; daí: destino incontrolável, fatalidade. – "quebrar, quebrador, infrator" – *zerbrechen* (mais precisamente: destruir quebrando), *Brecher* (o que quebra, infringe a lei), *Verbrecher* (o delinquente, o criminoso). (N.T.)[21].

Ao mapear os jogos linguísticos de Nietzsche ("travessia", "ida-por-sobre", "atravessar"), Torres Filho pratica o que, em outro contexto, definiu como a tarefa da leitura filosófica: "não *ficar* no *signo*"[22]. Seu gesto não é de fixação, mas de remissão

---

[20] cf. Prado Jr., 2004, p. 9.

[21] Torres Filho, 1974, p. 228.

[22] Torres Filho, 2004, p. 33.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

ativa ao movimento de pensamento que a palavra alemã encapsula. Como ele próprio pondera em "A *virtus dormitiva* de Kant", "significar" é "fazer sinal para o significado", um "gesto semafórico de apontar, indicar, remeter". A criação de "além-do-homem" é esse gesto elevado à potência criadora. Diante da ausência de um "equivalente adequado em português", Torres Filho não se contenta em aceitar os signos desgastados (como "super-homem"); ele fabrica um novo conceito cuja própria estrutura, a locução preposicional, o hífen unificador, busca reproduzir na língua de chegada o dinamismo de ultrapassagem e travessia inscrito no significado primário. Assim, suas notas transcendem a erudição e se tornam registro de um ato filosófico: a transcriação de "além-do-homem" é a materialização linguística de uma leitura que, ao deslindar a trama do texto nietzschiano, se implica e se complica nela, assumindo o risco e a responsabilidade de criar, em português, um conceito capaz de portar a radicalidade do *Übermensch*.

Portanto, ao criar "além-do-homem", Torres Filho fez mais do que traduzir: fez filosofia. Ele operou uma transcriação conceitual ativa: diagnosticou um mal-entendido histórico-linguístico na recepção de Nietzsche no Brasil e propôs uma solução conceitual que o reaproximou de sua significação primária. Seu gesto exemplifica como a tradução filosófica, quando consciente de seu poder criativo, é um modo legítimo e necessário de praticar o pensamento. O "além-do-homem" é a expressão mais elaborada do conceito nietzschiano em língua portuguesa. Sua estrutura sintagmática incorpora-se a um discurso especializado que busca corrigir um mal-entendido. É profundamente conectivo, por ser uma resposta direta à leitura deturpada do *Übermensch* como ideal transcendente, reconectando-o à sua função de aniquilação da moral. Sua vicinalidade é intensa, dialogando criticamente com a tradição lexical brasileira anterior. E sua consistência é máxima, pois a nominalização da locução mediante o hífen dobrado confere ao termo uma unidade semântica e conceitual indivisível, onde o artigo "do" introduz uma nuance de singularidade que enfatiza o indivíduo que ultrapassa a condição humana. Mais do que uma tradução, "além-do-homem" é a criação de um conceito na acepção mais rigorosa de Deleuze e Guattari, um ato de filosofia que o reabre à sua complexidade e potência transformadora no horizonte da história de sua recepção no Brasil.

Considerações finais

A análise dos cinco termos demonstra que a recepção brasileira do *Übermensch* foi muito além da tradução lexical, consistindo em um fértil processo de criação de conceitos. Os neologismos sobrehomem, pró-homem, super-homem, Além-

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

Homem e além-do-homem revelam, em maior ou menor grau, as características definidoras apontadas por Deleuze e Guattari. Eles são sintagmáticos, pois se inserem em cadeias de significação específicas do contexto intelectual brasileiro; são conectivos, ao operarem como elos entre a filosofia nietzschiana e as preocupações locais; e são vicinais, ao estabelecerem entre si e com outros conceitos uma rede de relações que constitui a própria tessitura dessa recepção.

Notadamente, "Além-Homem" e "além-do-homem" atingem uma plena consistência conceitual: o primeiro, ao recalibrar semanticamente a noção de autossuperação através do advérbio "além"; o segundo, ao substantivar a expressão com o artigo "do", conferindo especificidade e singularidade ao conceito. Estes dois termos, criados por filósofos-tradutores, ultrapassam a mera tradução para se tornarem conceitos propriamente ditos. São unidades de pensamento que atestam o amadurecimento de um léxico filosófico brasileiro para Nietzsche, onde a transcriação se revela, ela mesma, um modo genuíno e consequente de fazer filosofia.

Nietzsche in Brazil: Transcreations of the Übermensch

Abstract: The reception of Nietzsche in Brazil was characterized by the creation of its own lexicon, which not only translated but reinvented his concepts, uniquely marking the incorporation of his philosophy into the Latin American context. In this article, I investigate the formation of this lexicon, focusing on translations of the *Übermensch*: "sobrehomem", "pró-homem", "super-homem", "Além-Homem", "além-do-homem". I analyze how these words were created from processes of vernacular composition and linguistic calques, constituting a conceptual creation, in the manner of Deleuze and Guattari, contextualized in Brazilian reality. I conclude that the creation of this lexicon was not a mere exercise in translation, but a philosophical act, a way of doing philosophy through dialogue between Nietzsche and the Brazilian intellectual context.

Keywords: Nietzsche, Lexicon, Brazil, Übermensch

Declaração de uso de IA

Os autores declaram utilizar ferramentas de inteligência generativa exclusivamente para apoio na revisão textual, incluindo sugestões de clareza, coesão e organização da escrita. As decisões conceituais, metodológicas e interpretativas são de responsabilidade dos autores do artigo.

Declaração de contribuição dos autores

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

Geraldo Pereira Dias: conceitualização, redação do manuscrito original, redação - revisão e edição.

Declaração de financiamento

Não houve financiamento.

Declaração de disponibilidade de dados da Pesquisa

Os autores afirmam que os artigos publicados no periódico Cadernos Nietzsche procedem à revisão bibliográfica enquanto método de pesquisa que analisa e sintetiza informações existentes, especialmente, em livros e artigos científicos sobre a filosofia de Nietzsche, objetivando identificar conceitos-chave, teorias relevantes, lacunas na literatura existente e propor interpretações originais acerca do pensamento do filósofo. Os dados concernentes aos artigos constam nas referências bibliográficas no final de cada texto, detalhando a procedência em notas de fim de página, disponibilizando assim todo o material utilizado na pesquisa.

Declaração sobre conflito de interesses

Os autores declaram que os artigos publicados no periódico Cadernos Nietzsche não apresentam conflito de interesses de ordem pessoal, comercial, acadêmica ou financeira que possa comprometer a objetividade e a integridade dos resultados da pesquisa publicada como artigo científico no periódico.

Disponibilidade de dados de pesquisa

Os autores afirmam que os artigos publicados no periódico Cadernos Nietzsche procedem à revisão bibliográfica enquanto método de pesquisa que analisa e sintetiza informações existentes, especialmente, em livros e artigos científicos sobre a filosofia de Nietzsche, objetivando identificar conceitos-chave, teorias relevantes, lacunas na literatura existente e propor interpretações originais acerca do pensamento do filósofo. Os dados concernentes aos artigos constam nas referências bibliográficas no final de cada texto, detalhando a procedência em notas de fim de página, disponibilizando assim todo o material utilizado na pesquisa.

Referências

AZEREDO, V. Transcriação e Antropofagia: fertilidades nos campos de Haroldo e em outros campos. In: *Cadernos Nietzsche*, Guarulhos/Porto Seguro, v. 45, n.1, p. 1-30, janeiro/abril, 2024.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

ERASMO. J. O neo-cinismo. In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, ed. 139 (1), 20 de maio de 1893. Fac-símile disponível no portal da Fundação Biblioteca Nacional: https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOVIO, G. Carta de Itália A Garibaldi. In: *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ed. 0188(2), julho de 1896.

BOVIO, G. 'La Repubblica'. In: *Rivista Popolare*, diretta da Antonio Fratti, (Roma, 1896). published in: BOVIO, Giovanni *Il secolo nuovo: scritti, discorsi, pagine, pensieri, epigrafi*. Roma: Libreria politica moderna, 1923.

CASSIN, B. A performance antes do performativo, ou a terceira dimensão da linguagem. Trad. Luana de Conto. In: *Revista Letras*. Curitiba: Editora UFPR, n. 82, p. 11-46, set./dez, 2010.

DELEUZE, G GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FREITAS, L. Um filósofo. In: *O País*. Rio de Janeiro, ed. 05489 (1), 16 de outubro de 1899.

MELO NETO, J. E. T. de. *Nietzsche à luz dos antigos:* a transvaloração dos valores. Curitiba: CRV, 2022.

NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe* (KSA). Berlim/New York: Walter de Gruyter & Co., 15 volumes, 1999.

NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun; Trad. E Notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução de Giovane Rodrigues e Tiago Tranjan; posfácio Marcelo Carvalho. São Paulo: Fósforo, 2022.

PUTNAM, H. *O significado de 'significado'. Cognitio-Estudos: Revista Eletrônica de Filosofia*. São Paulo: CEP/PUC-SP, vol. 10, nº. 2, jul.-dez., 2013.

PRADO JR., B. Prefácio da 2ª edição "Significar" significa "não ficar no signo". In: TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. *Ensaios de filosofia ilustrada*. São Paulo. Iluminuras, 2004.

RIBEIRO, J. Frederico Nietzsche (1896). In: *O Fabordão (crônica de vário assunto).* Rio de Janeiro, Tecnoprint Gráfica S. A., 1967. Fac-símile disponível no portal da Fundação Biblioteca Nacional: https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

SANTOS, M. F. dos. Palavras prévias do tradutor. In: NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Mário Ferreira dos Santos. 3ª ed. Logos: São Paulo, 1954; Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro, 2014.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16173

SEARLE, J. R. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. Trad. Ana Cecília G. A. de Camargo, Ana Luiza Marcondes Garcia. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SIMONIS, L.. Der Stil als Verführer: Nietzsche und die Sprache des Performativen. In: *Nietzsche-Studien*, 31 (1), pp. 57-74, 2002.

TORRES FILHO, R. R. *In*: NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun; Trad. E Notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

TORRES FILHO, R. R. A *virtus dormitiva* de Kant. In: TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. *Ensaios de filosofia ilustrada*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

VERÍSSIMO, J. A filosofia de um poeta. In: *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ed. 0295 (1), 23 de outubro, 1899. Fac-símile disponível no portal da Fundação Biblioteca Nacional: https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

VERÍSSIMO, J. (1903). Um Nietzsche diferente. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, ed. 0587 (1), 19 de janeiro, 1903. Fac-símile disponível no portal da Fundação Biblioteca Nacional: https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

Enviado:

16.02.2026

Aceito:

30.03.2026

Pareceristas:

Tiago Lemes Pantuzzi

ORCID:https://orcid.org/0000-0003-3962-1149

Ivo da Silva Jr.

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4171-8759

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.